



A BRUXA

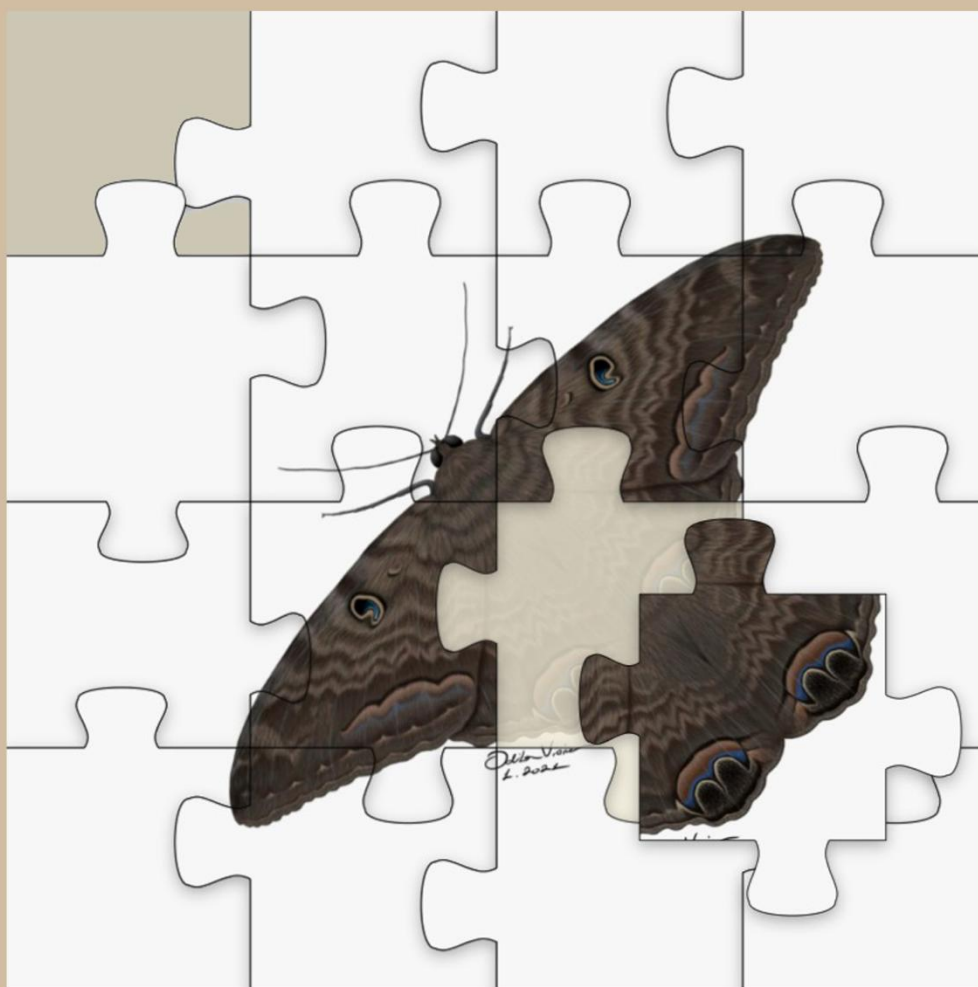
UMA REVISTA DE BIOLOGIA CULTURAL

www.revistaabruxa.com

ISSN 2594-8245

Volume 10

agosto 2026



3

Da-Silva; E.R.; Boa-Nova, T. & Coelho, L.B.N. 2026. Comunicação. Pauliceia em cores – As plantas floridas no maior arraial urbano do Brasil **A Bruxa 10(3): 30-35.**

Santos, A.O. & Da-Silva, E.R. 2026. Comunicação. Da videira ao vinho quente: botânica, história e cultura do São João **A Bruxa 10(3):36-40.**

Serpa-Filho, A. & Oliveira, E.S.B. 2026. Aprendendo sobre o subfilo Crustacea nos filmes de animação da Disney **A Bruxa 10(3): 41-69.**



COMUNICAÇÃO

Pauliceia em cores – As plantas floridas no maior arraial urbano do Brasil

Elidiomar Ribeiro Da-Silva^{1*}; Tainá Boa-Nova² & Luci Boa Nova Coelho³

1- Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2- Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3- Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

*elidiomar@gmail.com

RESUMO

As Festas Juninas constituem uma das mais importantes manifestações culturais brasileiras e assumem particular relevância na cidade de São Paulo, que abriga a maior população nordestina fora do Nordeste. Este trabalho aborda a presença de plantas floridas durante o inverno paulistano, destacando como a vegetação urbana também participa simbolicamente desse período festivo. São discutidas espécies ornamentais comuns na paisagem da cidade, suas florações sazonais e suas relações com processos históricos, ecológicos e culturais. Argumenta-se que a vegetação urbana integra a construção da paisagem cultural paulistana, articulando biodiversidade, memória e migração. As florações do inverno revelam uma dimensão frequentemente negligenciada do maior arraial urbano do Brasil.

Palavras-chave: arborização paulistana; biodiversidade urbana; botânica cultural; Festas Juninas.

ABSTRACT

Pauliceia in colors – Flowering plants in Brazil's largest urban june festival

The June Festivals are among Brazil's most important cultural celebrations and hold particular significance in the city of São Paulo, home to the largest Northeastern Brazilian population outside the Northeast region. This study discusses flowering plants during São Paulo's winter season and highlights the symbolic participation of urban vegetation in these festivities. Common ornamental species, their seasonal flowering patterns, and their historical, ecological, and cultural relationships are examined. We argue that urban vegetation is an integral component of São Paulo's cultural landscape, connecting biodiversity, memory, and migration. Winter flowering reveals an often-overlooked dimension of what may be regarded as Brazil's largest urban June festival.

Keywords: cultural botany; June Festivals; urban biodiversity; urban forestry.

Concentradas no mês de junho, mas frequentemente avançando julho e agosto adentro, as Festas Juninas – também conhecidas como festas de São João – constituem um dos períodos festivos mais significativos do calendário brasileiro. Embora as comemorações mais famosas e destacadas ocorram na Região Nordeste, onde se tornaram atrações turísticas de grande importância, que movimentam multidões e impulsionam a economia de cidades frequentemente pequenas, a influência dessas festividades se estende por todo o território nacional. Apesar de monopolizar o nome genérico do período, São João não é o único santo celebrado, pois muitos consideram uma trinca santa na festividade – além de João (24 de junho), também Santo Antônio (13 de junho) e São Pedro (29 de junho) patrocinam a folia brasileira de meio de ano.

Contudo, há outro santo celebrado na mesma data de Pedro: São Paulo. Por uma dessas coincidências que só o divino explica, São Paulo é também o nome da cidade e do estado que abrigam o



maior contingente de imigrantes nordestinos fora da própria Região Nordeste. A migração nordestina para o estado de São Paulo apresentou uma característica preponderantemente rural entre as décadas de 1930 e 1950, passando a ser basicamente urbana após esse período, concentrada na capital e nos municípios próximos. Segundo dados do Censo Demográfico de 2022, aproximadamente 1,8 milhão de residentes da capital paulista nasceram no Nordeste (ZANLORENSSI, 2025), correspondendo a cerca de 16% dos moradores paulistanos. Ou seja, há mais nordestinos morando em São Paulo do que em qualquer cidade nordestina, com exceção de Fortaleza, no Ceará, e Salvador, na Bahia.

O presente trabalho representa a ampliação de estudo (Figura 1) apresentado por DA-SILVA *et al.* (2020a) na **V Mostra de Biologia Cultural – Olha a Cobra! Festas Juninas**, realizada em 05 de julho de 2020. Foi objetivo da organização do evento que resumos e pôsteres apresentados fossem focados “no simbolismo e/ou influência de animais, plantas ou qualquer aspecto científico das Festas Juninas, direta ou indiretamente” (DA-SILVA & COELHO, 2020, p. 3). As edições da **Mostra de Biologia Cultural**, evento organizado desde 2018 pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural da UNIRIO e pela revista **A Bruxa**, foram idealizadas para a exposição de trabalhos originais que versassem sobre a associação entre Ciência e Cultura. Com a pandemia de covid-19, o evento passou a ser realizado em modo remoto, sendo que no ano de 2020 a atividade exaltou, em suas diferentes edições, o calendário de festas brasileiras, muitas delas associadas a festejos religiosos (DA-SILVA *et al.*, 2020b). Todos os livros de conteúdo da **Mostra de Biologia Cultural** estão publicados em **A Bruxa** (anos de 2018 e 2020).



Figura 1. Pôster apresentado por DA-SILVA *et al.* (2020a) na **V Mostra de Biologia Cultural – Olha a Cobra! Festas Juninas** (2020).



Sendo um povo profundamente ligado a seus valores e tradições, é natural que os nordestinos contribuam significativamente para o enriquecimento cultural da metrópole paulistana. Nesse cenário, o São João, a maior festa nordestina, ocupa um papel destacado: as Festas Juninas espalham-se pelas casas, escolas, clubes e empresas paulistanas, enfeitando praças, locais de trabalho e salas de aula com as bandeirinhas coloridas e de formato inconfundível. Pode-se dizer, com licença poética, que em meados do ano São Paulo se torna o maior arraial de asfalto, aço e concreto do Brasil, um alento de cores que contrabalança o panorama cinzento e algo soturno da megalópole que nunca dorme. Da mesma forma que, quando se fala em Festas Juninas, a chamada "terra da garoa" não é lembrada de imediato, o mesmo ocorre quando se pensa em elementos naturais – estereótipos que constituem injustiças em ambos os casos.

Apesar da fama de "selva de pedra", São Paulo conserva importantes áreas verdes, parques, praças, jardins e uma arborização urbana que conferem significativa diversidade biológica à paisagem da metrópole. A cidade possui uma paisagem muito mais rica do que geralmente se imagina, na qual processos ecológicos continuam ocorrendo diariamente. Entre esses destaca-se a floração sazonal de diversas espécies vegetais que, durante o período das Festas Juninas, acrescentam cores, aromas e vida ao ambiente urbano.

A composição da vegetação paulistana reflete a própria história da cidade e as profundas transformações urbanas ocorridas ao longo do século XX. Estudos sobre a formação da paisagem e dos espaços públicos em São Paulo revelam a participação decisiva de botânicos como Frederico Carlos Hoehne no processo de mudanças de conceitos acerca dos desenhos e finalidades de hortos, jardins botânicos, parques e arborização (GUARALDO, 2020). Apresentamos, a seguir, algumas plantas presentes na cidade de São Paulo que, à época das Festas Juninas – correspondente ao final do outono e ao inverno – podem estar floridas (Figura 2), oferecendo um espetáculo cromático que contrasta com a paisagem metropolitana, predominantemente cinzenta. Além de apresentarem floração durante o período correspondente às Festas Juninas, as espécies foram selecionadas por serem relativamente comuns na arborização ou jardinagem paulistana. Assim, a paisagem urbana resulta também da presença sazonal da vegetação, da fauna e dos processos ecológicos que continuam ocorrendo no interior da metrópole. As florações do inverno paulistano constituem parte dessa paisagem, frequentemente negligenciada pela percepção cotidiana.

Cattleya loddigesii Lindl. (Asparagales: Orchidaceae) (Figura 2A) é uma orquídea sul-americana cuja floração, em tons de lilás, ocorre no inverno (ORQUIVITRO, 2026). O botânico Frederico Carlos Hoehne registrou, em sua clássica **Iconografia de Orchidaceas do Brasil**, a abundância da espécie nas margens do rio Pinheiros nas primeiras décadas do século XX: "Nas matas ciliares do Rio Pinheiros, encontramos ainda em 1917–1922 muitas lindas céspides de *Cattleya loddigesii*" (HOEHNE, 1949, p. 53). A crescente urbanização e as sucessivas decisões políticas e urbanísticas que mudaram a relação dos paulistanos com seus rios tornaram a espécie bem mais rara em seu habitat natural, representando um exemplo da perda de biodiversidade associada à expansão urbana desordenada. Atualmente, iniciativas como o projeto **Mil Orquídeas Marginais** buscam repovoar as margens dos rios Pinheiros e Tietê com a espécie, já tendo reintroduzido centenas de exemplares na paisagem urbana (SCIOTTI, 2023).

Outra espécie de floração invernal é a azaleia (*Rhododendron indicum* (L.) Sweet – Ericales: Ericaceae) (Figura 2B), que, embora seja originária da Ásia, se tornou uma das plantas ornamentais mais características da arborização paulistana. Isso serve para ilustrar a forte presença de espécies exóticas na paisagem da cidade.

Nativa da Bolívia e do noroeste da Argentina, a tipuana ou amendoim-acácia (*Tipuana tipu* – Fabales: Fabaceae) (Figura 2C) é uma árvore ornamental que se adaptou bem ao friozinho paulistano. Segundo o blog ÁRVORES VIVAS (2007), a espécie é muito utilizada na arborização de ruas no sul e sudeste do Brasil, proporcionando beleza notável durante sua floração, que coincide com o final dos festejos de São João mais tardios.

A chama-da-floresta ou espatódea (*Spathodea campanulata* – Lamiales: Bignoniaceae) (Figura 2D) é uma árvore africana de floração vermelho-alaranjada que muitas vezes coincide com as Festas Juninas,

adicionando tons vibrantes à paisagem urbana (ESCOLA DE BOTÂNICA, 2021). Sua floração é longa, podendo ocorrer praticamente o ano todo, com maior intensidade no verão (FACEBOOK, 2020).

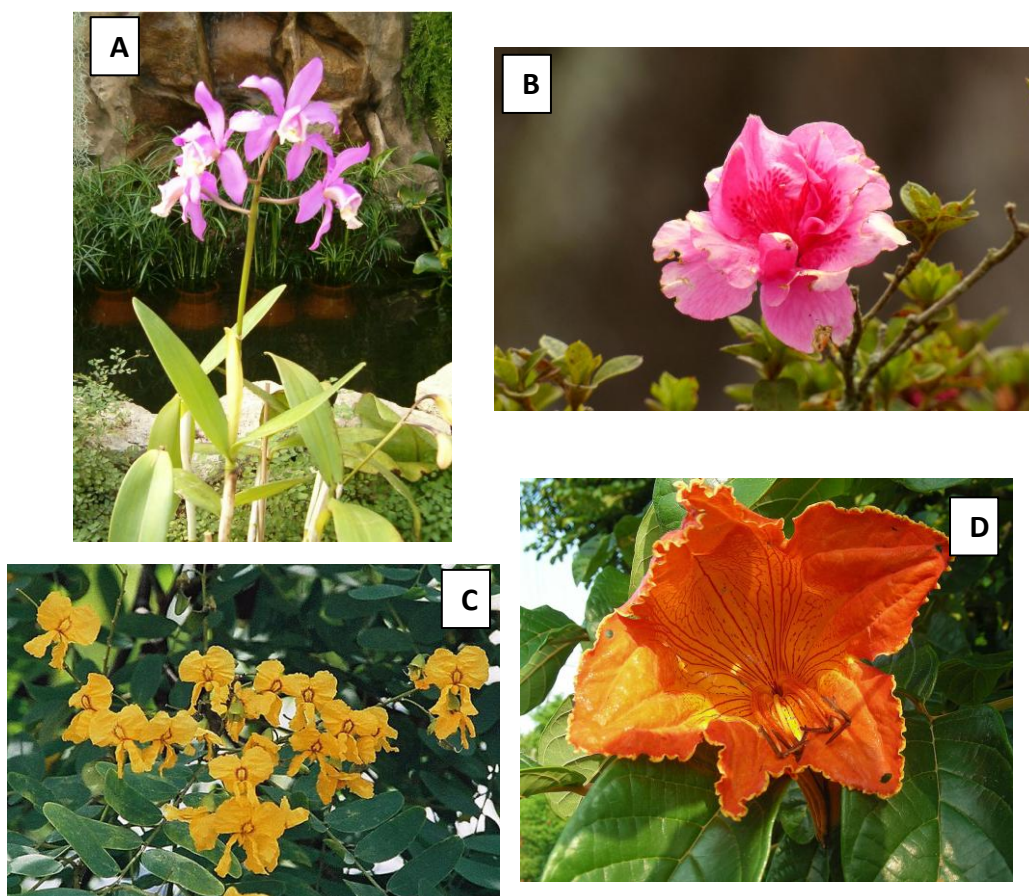


Figura 2. Flores mencionadas neste texto. **A** - *Cattleya loddigesii* (foto: Botanical Gardens Berlin - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cattleya_loddigesii_OrchidsBln0906a.jpg); **B** - *Rhododendron indicum* (foto: Alejandro Bayer Tamayo - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Azalea_%28Rhododendron_indicum%29_%2814718656914%29.jpg); **C** - *Tipuana tipu* (foto: Dick Culbert - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tipuana_tipu_%2817823840523%29.jpg); **D** - *Spathodea campanulata* (foto: Dick Culbert - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Spathodea_campanulata--_Flame_Tree_Flower_%2825882467660%29.jpg). Licença **Creative Commons**.

As inflorescências lilases das orquídeas, os tons róseos das azaleias, o amarelo intenso das tipuanas e o vermelho-alaranjado das espatódeas compõem, durante o inverno paulistano, uma paleta cromática que dialoga com as Festas Juninas. Assim, a própria vegetação passa a integrar a estética desse período festivo, revelando uma dimensão da cidade que frequentemente passa despercebida. Essas espécies ajudam a compor o mosaico vegetal que reflete a própria história de São Paulo.

Ademais, estudos recentes sobre a presença de plantas nos quintais urbanos de São Paulo têm demonstrado como a vegetação carrega significados culturais profundos para os migrantes que habitam a cidade. Pesquisas conduzidas por BARBOSA (2023) revelam que muitos dos cultivadores de quintais na região metropolitana de São Paulo são migrantes oriundos do meio rural, que trazem consigo sementes, mudas e técnicas de cultivo de suas regiões de origem. A pesquisa demonstra que o quintal produz vida social e constitui uma forma de habitar a cidade, onde as vidas das plantas e outros seres circulam por várias vidas, humanas ou não, produzindo e sendo fruto de uma série de relações que constroem a experiência de vida urbana (BARBOSA, 2023). Esse fenômeno evidencia que a presença de determinadas espécies vegetais nos espaços urbanos vai além da mera ornamentação, envolvendo dimensões memoriais e afetivas fundamentais para a adaptação dos migrantes ao novo ambiente.



Nesse contexto, é relevante mencionar a presença de agricultura urbana nas margens da cidade, onde se verifica uma super-representação de migrantes da Região Nordeste, especialmente da Bahia e de Pernambuco (HOCHEDÉZ, 2022). Para essas comunidades, a prática de cultivar plantas reflete aspectos de sua cultura e memória, pois permite a transmissão e troca de conhecimentos, configurando o que Hochedéz denomina paisagens alimentares vernaculares. As plantas cultivadas nesses espaços, incluindo as chamadas "Plantas Alimentícias Não Convencionais" (PANC), carregam consigo saberes tradicionais e memórias afetivas que conectam os migrantes às suas origens, ao mesmo tempo em que contribuem para a segurança alimentar e a diversidade cultural da metrópole. O fenômeno da vegetação urbana paulistana ilustra como a diversidade de espécies que florescem na cidade, com suas origens nos mais variados continentes, reflete a própria composição da população da cidade, que acolheu migrantes de todas as regiões do Brasil e do mundo.

A paisagem urbana é formada também pelos organismos e processos ecológicos que continuam ocorrendo mesmo em grandes metrópoles. De certa forma, a vegetação urbana também participa das Festas Juninas por meio de suas florações. Espécies nativas e exóticas acrescentam novas cores à cidade, mostrando que natureza e cultura não ocupam espaços separados, mas se encontram e se influenciam continuamente na construção da paisagem urbana. A valorização dessa paisagem representa não apenas um exercício de conservação da biodiversidade, mas também de reconhecimento da própria identidade cultural da metrópole. Se as bandeirinhas anunciam a festa construída pelas pessoas, as florações do inverno celebram a festa construída pela própria natureza. Juntas, cultura e biodiversidade ajudam a transformar São Paulo, ainda que por algumas semanas, no maior arraial urbano do Brasil.

Por fim, o reconhecimento do valor cultural das plantas, tanto as espécies nativas quanto as trazidas pelos migrantes, constitui importante desafio para o planejamento urbano e a gestão ambiental da cidade. Nesse sentido, a compreensão das múltiplas dimensões – ecológicas, culturais e afetivas – da vegetação urbana é fundamental para que as cidades possam desenvolver políticas públicas que valorizem tanto a biodiversidade nativa quanto as práticas culturais das comunidades que as habitam, promovendo um ambiente urbano mais diverso, acolhedor e sustentável. Tal perspectiva encontra respaldo nos princípios da botânica cultural, que reconhece as múltiplas relações estabelecidas entre as sociedades humanas e as plantas (COSTA NETO *et al.*, 2024).

REFERÊNCIAS

- ÁRVORES VIVAS. 2007. **Floração em São Paulo** [on-line]. Disponível em: <https://arvoresvivas.org.br/2007/11/04/floracao-em-sao-paulo/>. Acesso em: 13 de julho de 2026.
- BARBOSA, A.C.M.M. 2023. Quintais produzindo a vida da cidade: como espaços cultivados na região metropolitana de São Paulo se configuram como movimento de construção de socialidades e afetos. **Iluminuras** 24(64): 301-327.
- COSTA NETO, E.M.; FUNCH, L.S. & OLIVEIRA, R.P. (ed.). 2024. **Botânica cultural**. Editora Zarte.
- DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2020a. Apresentação. In: DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed). V Mostra de Biologia Cultural - Olha a Cobra!. **A Bruxa** 4(especial 3): 3.
- DA-SILVA, E.R.; COELHO, L.B.N.; BAFFA, A.F. *et al.* 2020b. Mostra de Biologia Cultural: presencial ou remota, o importante é divulgar a associação entre Ciência e Cultura. **Raízes e Rumos** 8(1): 358-370.
- DA-SILVA, E.R.; SILVA, T.B.N.R. & COELHO, L.B.N. 2020. Pauliceia em cores – As plantas floridas no maior arraial urbano do Brasil. In: DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. (ed). V Mostra de Biologia Cultural - Olha a Cobra!. **A Bruxa** 4(especial 3): 43-44.
- ESCOLA DE BOTÂNICA. 2021. **O que temos a aprender com uma planta exótica** [on-line]. Disponível em: <https://www.escoladebotanica.com.br/post/espatodea>. Acesso em: 13 de julho de 2026.



FACEBOOK. 2020. **Espatódea – *Spathodea campanulata*** [on-line]. Disponível em: <https://www.facebook.com/100067602249037/posts/espat%C3%B3deaspathodea-campanulata-origin%C3%A1ria-da-%C3%A1frica-da-fam%C3%ADlia-bignoniaceae%C3%A1rvor/322630457933484/>. Acesso em: 13 de julho de 2026.

GUARALDO, E.A. 2020. **Repertório e identidade: a formação da paisagem e dos espaços públicos brasileiros. Um estudo em São Paulo**. Editora da UFMS.

HOCHEDÉZ, C. 2022. Urban farming in São Paulo: Culture, memory and food justice. **HAL Open Science** [on-line]. Disponível em: <https://hal.science/hal-04363498>. Acesso em: 13 de julho de 2026.

HOEHNE, F.C. 1949. **Iconografia de orchidaceas do Brasil: (gêneros e principais espécies em texto e em pranchas)**. Secretaria da Agricultura.

ORQUIVITRO. 2026. ***Cattleya loddigesii* var. *pelorica*** [on-line]. Disponível em: <https://www.orquivitro.com.br/orquideas-especies/cattleya-loddigesii-var-aquini>. Acesso em: 13 de julho de 2026.

ZANLORENSSI, G. 2025. Fluxos migratórios: a origem dos brasileiros no Censo de 2022. **Nexo** [on-line]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2025/06/27/brasil-censo-2022-fluxo-migratorio-mapa-interativo>. Acesso em: 29 de julho de 2026.



Publicado em 09-08-2026
DOI: 10.5281/zenodo.21863226

Licenciado sob a Creative Commons Atribuição–NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>